A realidade histórica como objeto da filosofia na perspectiva de Ignacio Ellacuría

Elismar Alves dos Santos – IFITEG

Doutor em Teologia – FAJE-BH e PUC-Comillas- Madrid-Espanha

E-mail: elismar01@yahoo.com.br

Fone: (62) 3218-5502

DATA DE RECEPÇÃO: 13/06/2013

DATA DE APROVAÇÃO: 01/08/2013

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar a realidade histórica na condição de objeto da filosofia a partir dos pressupostos do filósofo e teólogo Ignacio Ellacuría (1930-1989). O pensador espanhol defende a necessidade de um estilo filosófico a partir da realidade da América Latina, capaz de promover a liberdade do ser humano. Para isso, concebe a filosofia como condição existencial da pessoa. Assim, o artigo descreve, num primeiro momento, os principais traços do caráter libertador da filosofia voltados para a realidade histórica do ser humano. A filosofia é uma busca transcendental, mas vinculada às realidades transcendentais da pessoa. Para Ellacuría, a filosofia oferece o referencial teórico capaz de proporcionar ao ser humano, em seu contexto histórico, a liberdade. Num segundo momento, o artigo descreve o objeto formal da filosofia (a realidade existente). Ellacuría, preocupa-se em estruturar, a partir do objeto formal da filosofia, outro “objeto” mais específico ainda: a realidade histórica.

Palavras-chave: Filosofia – Liberdade – Realidade histórica e social – objeto da filosofia

Introdução

Ignacio Ellacuría¹ desenvolve uma reflexão atual sobre o papel da filosofia nas relações humanas em vista da promoção da dignidade do ser humano. Trata-se de uma filosofia concebida como busca pela verdade em sintonia com a liberdade. É fundamental lembrar, porém, que os escritos de Ellacuría, tanto na área da teologia como da filosofia refletem acerca da situação da opressão e da desigualdade social na América Latina. O autor recorda que, na América Latina, existe uma Teologia própria conhecida como *Teologia da Libertação*. Porém, falta ainda uma *Filosofia* com o “rosto” da América Latina, enquanto originada da sua própria realidade histórica. Uma das possíveis razões para a não existência de um método filosófico de origem Latino-Americana pode ser este: “por ser um continente nacionalista, indigenista, singular, etc.” (ELLACURÍA, 1985, p. 46). Essa afirmação não corresponde ao que o pensador espanhol defende em seus escritos, mas ele traz à baila o que geralmente se escuta no meio acadêmico, sobretudo europeu.

A proposta filosófica de Ellacuría tem como meta abordar a filosofia na condição de meio que proporciona a liberdade através da experiência da cultura e das estruturas sociais, dentro da realidade da pessoa humana, âmbito em que precisa realizar-se em espírito de liberdade. A liberdade trata-se, portanto, de um tema importante nessa discussão. Para o pensador espanhol, a filosofia desde os pré-socráticos, procura refletir sobre a liberdade. Não se trata, todavia, de uma liberdade abstrata, mas sim, de uma prática na história do ser humano.

1. O caráter libertador da Filosofia

Nesse estudo, toma-se como pano de fundo o escrito *Função Libertadora da Filosofia* (1985) no qual Ellacuría parte de uma constatação: à América Latina, por ter vivido um contexto de opressão, não foi possível criar uma tradição filosófica. O autor em estudo considera a filosofia responsável por conceder “uma capacidade crítica” (ELLACURÍA, 1985, p. 47), ao ser humano, sobretudo, diante das ideologias vigentes nas relações sociais. A filosofia é uma poderosa “arma” no combate à opressão social, pois leva o indivíduo a criar consciência de seu papel como agente de transformação. O autor pontua que a

¹ Ignacio Ellacuría Beascoechea, padre jesuíta e Doutor em Filosofia e Teologia, nasceu em Portugalete, província de Vizcaya, Espanha, a 9 de novembro de 1930. Em 1967, transfere-se para El Salvador a fim de incorporar-se à Universidade Centroamericana (UCA) José Simeón Cañas, como professor. No dia 16 de novembro de 1989, foi brutalmente assassinado pela Força Armada de El Salvador, junto com outros jesuítas.

filosofia distingue-se historicamente por sua criticidade.

A filosofia busca, entretanto, os fundamentos racionais de que o indivíduo necessita para posicionar-se diante de seu contexto histórico. “A função libertadora da filosofia é exigida então, por sua própria condição de criticidade e fundamentação e por sua vez, obriga ao fazer filosófico buscar uma fundamentação crítica” (ELLACURÍA, 1985, p. 51).

A reflexão filosófica visa chamar a atenção para a importância da emancipação do sujeito. O filósofo lembra que, na década de oitenta, dever-se-iam pensar os processos sócio-econômicos que a sociedade passava, de opressão pelos regimes totalitários e pela gritante desigualdade social nos países classificados como “terceiro mundo”. Nessa perspectiva, pontua que se deveria falar da “autodeterminação pessoal do sujeito livre e consciente” (ELLACURÍA, 1985, p. 53).

A filosofia deve ser utilizada como referencial teórico de enfrentamento diante da realidade de desigualdade social, pois ilumina, interpreta e transforma a pessoa humana. Está subjacente ao pensamento de Ellacuría (1985), a capacidade da filosofia enquanto meio que proporciona a práxis. Em outras palavras:

O homem tem uma forma peculiar de enfrentar-se com a realidade que é a habilidade intelectual, que independentemente de sua origem, natureza e condicionamentos, estruturais, têm sua peculiaridade que deve ser estudada não só para conhecer o que é o homem, mas para anteriormente poder fazer um uso crítico de sua própria inteligência (ELLACURÍA, 1985, p.53).

Entretanto, adverte que essa possibilidade da filosofia de proporcionar a liberdade por meio da inteligência serve tanto para libertar o homem como também para oprimi-lo. Se a filosofia faz parte da condição existencial do ser humano, então ela contempla a realidade social do indivíduo; entendendo que “homem, sociedade e história são três realidades vinculadas entre si, porém cada uma tem sua peculiaridade” (ELLACURÍA, 1985, p. 54). A temática da história na filosofia encontra espaço fecundo nas reflexões de Ellacuría (1985), pois ele propõe uma filosofia da realidade histórica, como ponto nevrálgico de seu método filosófico. Esse assunto será evidenciado no segundo artigo do autor, em relação ao objeto da filosofia. A filosofia é uma busca transcendental, porém vinculada às realidades transcendentais, na historicidade do ser humano.

A filosofia contempla a historicidade da pessoa. Com isso, faz lembrar que a razão tem um caráter concreto, ou seja, a intenção presente na razão é tomada como figura

concreta em seu modo formal de estar lançada ao real. Retomando o que foi dito sobre o papel da práxis, pode-se dizer que esta não é um conceito psicológico, social ou ético, mas um conceito estrutural. Esse conceito estrutural da práxis encontra-se presente na realidade histórica do indivíduo. “A filosofia como momento teórico desempenha sua capacidade libertadora e ela mesma se potencia como tal ao recuperar consciente e reflexivamente seu papel como momento teórico adequado da práxis histórica” (ELLACURÍA, 1985, p.57)

A práxis contempla o caráter estrutural-social e a libertação precisa ter também um caráter estrutural-social. Considerando que a filosofia para Ellacuría precisa encontrar-se encarnada na realidade social e histórica, surge a possibilidade de se pensar em uma filosofia “cristã”, como proposta nova em favor do ser humano. A filosofia cristã teria como meta instalar seu caráter filosófico autônomo no lugar privilegiado da verdade da história, em sintonia com a experiência da Cruz, pois a Cruz remete à esperança libertadora. A filosofia cristã, nessa perspectiva, identifica-se com a história de crucificação do povo e com toda forma de dominação e exploração, sobretudo, na realidade da América Latina, lembra Ellacuría (1985). Não seria nenhum exagero afirmar que a proposta da filosofia cristã vai ao encontro do famoso postulado de Paulo Freire, presente em sua obra *Pedagogia da Autonomia*: “ninguém é sujeito da autonomia de ninguém” (FREIRE, 2008, p. 1).

Assim, Ellacuría, no artigo *Função libertadora da filosofia* (1985), ressalta o contexto do qual emergiu a Teologia da Libertação, surgida em razão de um dilema na área da política, da realidade social e religiosa, em que a opressão e a desigualdade social contribuíram para se pensar uma nova hermenêutica teológica. Ele defende a criação de um estilo filosófico Latino-Americano, partindo da experiência histórica dos diversos rostos crucificados pela desigualdade social, tendo, por meio da filosofia, um suporte crítico e libertador. Essa seria a função da “Filosofia da Libertação”.

Compreendida a função da filosofia, faz necessário compreender qual é seu objeto. Para essa finalidade, recorre-se a dois escritos de Ellacuría: *O objeto da filosofia* (1992) e *Filosofia da realidade histórica* (1990).

2. O objeto da Filosofia

A realidade social está metafisicamente entrelaçada à história. Para tanto, Ellacuría (1992) fala da inter-relação entre natureza e história. Sobre esse ponto, escreve: “não se pode tratar da natureza sem referir-se à história, nem do homem sem referir-se à sociedade e reciprocamente” (ELLACURÍA, 1992, p. 64). Porém, abarcando a totalidade como objeto,

a filosofia depara-se com uma questão intrigante: “como se configuram a peculiaridade e a totalidade em cada uma das coisas?” (ELLACURÍA, 1992, p. 64). Para responder a essa indagação, o autor afirma que o objeto da filosofia deve ser tomado como um campo vasto, pois a filosofia deve configurar-se a todas as realidades existentes. Esta condição seria o primeiro objeto formal da filosofia: *sub ratione totius* (ELLACURÍA, 1992, p. 64).

Ao falar em objeto da filosofia no “*sub ratione totius*”, Hegel e Marx salientaram a importância da unidade do objeto filosófico. Ellacuría (1992), entretanto, pontua precisamente que o “objeto” da filosofia precisa contemplar a realidade como um todo sistemático, pois a realidade é um todo dialético. Se, em Hegel, a busca pelo objeto da filosofia corresponde ao “sentido do ser”, em Marx, configura-se pelos antagonismos sociais, pontua o filósofo espanhol. Ellacuría (1992) explica que não se trata de fazer uma separação entre Hegel e Marx, mas de colocar em discussão a questão do “objeto” da filosofia para ambos. Afirma-se que, para Hegel, tal objeto é o “ser”; porém, para Marx, são as “realidades sociais”. A propósito dessa afirmação, Hegel, na introdução de sua *Fenomenologia do Espírito*, assim escreve:

Na filosofia, antes que se alcance o objeto mesmo, vem a ser, o conhecimento real do que em verdade é, parece necessário que se estabeleça um acordo acerca do conhecimento, considerado seja como o instrumento com o qual dominamos o Absoluto, seja como o meio por intermédio do qual nós o contemplamos (HEGEL, 1984, p. 47).

A questão consiste em observar que Ellacuría (1992) serve-se da filosofia de Hegel e das considerações de Marx para pensar e estruturar o seu próprio “objeto” da filosofia. Esclarece que, tanto para Hegel como para Marx, a realidade é concebida como algo dinâmico e processual. Assim, após expor a matização do objeto da filosofia em Hegel e Marx, o filósofo espanhol explica que, segundo Xavier Zubiri, “o objeto da filosofia é o todo da realidade dinamicamente considerado” (ELLACURÍA, 1992, p. 71). Daí percebe-se a opção de Ellacuría pelas considerações filosóficas de Xavier Zubiri, quanto à escolha do segundo “objeto da filosofia”: a realidade intramundana.

Para Zubiri (2010) não há distinção entre “metafísica geral” e “metafísica especial”. A filosofia, nessa perspectiva, contempla o todo da realidade. O objeto de estudo do mencionado filósofo, segundo Ellacuría, (1992) é a “realidade intramundana”. Essa, por sua vez, encontra-se presente na história.

Ocupar-se da história não é uma simples curiosidade. Sê-lo-ia se a história fosse uma simples ciência do passado. Mas: 1. A história não é uma simples ciência. 2. Não se ocupa do passado, enquanto já não existe. Não é uma simples ciência, senão que existe uma realidade histórica. A historicidade é, com efeito, uma dimensão deste ente real que se chama homem (ZUBIRI, 2010, p.143).

Segundo Ellacuría, (1992) Hegel desenvolve uma filosofia idealista; Marx oferece um método científico-“materialista” e Xavier Zubiri discorre, em sua filosofia, sobre um método filosófico-“realista”. São abordagens diferentes com o mesmo objetivo: compreender a realidade. Entretanto, Ellacuría adverte que “a realidade é sempre dinâmica e seu tipo de dinamismo corresponde ao tipo de realidade” (ELLACURÍA, 1992, p. 76). Em outras palavras, não há realidade estática. A realidade é originalmente dinâmica.

Ellacuría concebe o objeto da filosofia como realidade histórica. Em que consiste a realidade histórica? Primeiramente, trata-se de uma realidade assumida no meio social através da liberdade: é a realidade mostrando suas virtudes e possibilidades. (ELLACURÍA, 1992, p.83). A realidade histórica engloba todos os tipos de realidades. Significa que não há realidade histórica sem realidade material; sem realidade biológica; sem realidade pessoal e sem realidade social.

Porque “*realidade histórica*” se entende a totalidade da realidade tal como se dá unitariamente em sua forma qualitativa, mais alta e essa forma específica de realidade que é a história, onde nos dá não somente a forma mais alta de realidade, mas o campo aberto das máximas possibilidades do real (ELLACURÍA, 1992, p.84).

Ellacuría concebe como objeto da filosofia a “*realidade histórica*”. Mas não se trata de conceber a realidade histórica desvinculada da pessoa humana. Nessa proporção, não há simplesmente história, mas realidade histórica. Na obra, *Filosofia da realidade histórica* (1990), encontra-se uma explicação sobre a relação entre história e natureza material: “a história surge da natureza material e permanece indissolúvelmente enraizada a ela” (ELLACURÍA, 1990, p. 48). Os fatores materiais são decisivos na configuração dos grupos humanos e em seu modo de viver. A materialidade da história concebida como espaço e tempo justifica-se na existência da pessoa. O espaço e o tempo remetem-se à vida.

Espaço e tempo são materializados nas realidades *intramundanas*. Observa-se que o autor toma o *Cosmo* como unidade constitutiva da realidade: “cada coisa é ‘*coisa-de*’ um todo, dos cosmos; constitui um construto, um sistema unitário, que é o cosmos”

(ELLACURÍA, 1990, p. 49). A realidade remete-se a algo que se manifesta em si mesmo tendo no dinamismo seu ponto central. Logo, o objeto da filosofia nesse contexto é a *realidade histórica*. A realidade desvela-se na realidade complexa, coletiva e sucessiva “da humanidade, indica que a realidade histórica pode ser o objeto da filosofia” (ELLACURÍA, 1990, p. 473).

Pessoa e realidade histórica no sistema filosófico do autor não se contrapõem, mas se completam. A realidade histórica é matizada como realidade aberta, construída pelo ser humano. A pessoa confere à realidade histórica essa abertura existencial. “O objeto da filosofia deve ser primeiramente a realidade *intramundana*, a qual não significa necessariamente que Deus há de ser tão somente objeto de fé” (ELLACURÍA, 1992, p. 86). Deus, para Ellacuría (1992) está presente na realidade histórica de seu povo. Deus caminha com seu povo.

O conceito de razão teórica e prática na filosofia de Kant, segundo Ellacuría (1990) ilustra o significado da presença de Deus na história do ser humano, não concebido através da razão teórica a qual é tomada como especulativa, pois Deus age por meio da razão prática. Entretanto, uma razão não exclui a outra, mas a razão prática evidencia a maneira operada por Deus de estar presente no comportamento do ser humano, tendo, nos atos morais, *Deus como o Sumo Bem*: “Consequentemente o postulado da possibilidade do *sumo bem derivado* (do melhor mundo) é ao mesmo tempo postulado da efetividade de um sumo bem originário, ou seja, da existência de Deus” (KANT, 2003, p.447).

Para finalizar, Ellacuría (1992) ao problematizar a questão do *objeto* da filosofia, lembra primeiramente que não existem duas histórias: uma dos países desenvolvidos e outra dos países em desenvolvimento, ou conhecidos como “países dos terceiro mundo”. Há uma única história, que ele entende como realidade aberta e dinâmica perpassada pelas experiências sociais do ser humano.

Considerações finais

O artigo, em sua primeira parte, mostrou que a liberdade encontra-se na experiência da cultura e nas estruturas sociais. A pessoa humana, por sua vez, está inserida nessas duas dimensões. O contexto histórico (pautado pela exploração e pelos regimes totalitários) da América Latina contribuiu para a não sistematização de uma tradição filosófica. A filosofia, para Ellacuría, é uma forte aliada ao combate à opressão e aos sistemas políticos pautados no totalitarismo. Daí seu interesse pela filosofia atrelada à temática histórica, espaço no qual

o ser humano encontra-se existencialmente presente. Nesse contexto, fala-se, portanto, de uma filosofia cristã, cuja finalidade não seria outra senão a busca em resgatar o caráter libertador da pessoa através do mistério da Cruz de Cristo, pois esta remete à esperança que liberta.

Evidenciou-se, num segundo momento, que Ellacuría recorre a Hegel, Marx e Zubiri para mostrar os principais traços filosóficos desses pensadores tendo como intenção explicitar como discorreram, em seus sistemas filosóficos, sobre a busca pelo “objeto da filosofia”. Ellacuría elabora o seu próprio itinerário acerca do objeto da filosofia. A realidade é tomada como algo que se faz mediante a dinamicidade. Com isso, apresenta como objeto da filosofia a “*realidade histórica*”. Esta, por sua vez, é tomada como realidade aberta. E essa abertura somente se dá devido ao fato de a pessoa ser um ente em processo de transformação e, ao mesmo tempo, dado à experiência da liberdade. A abertura na realidade histórica é tomada como experiência “*intramundana*” cujo percurso vivencial é percorrido pela pessoa e por Deus, que a acompanha.

Referências

ELLACURÍA, Ignacio. *Funcion Liberadora de la Filosofia*. El Salvador: ECA – Estudios Centroamericanos de la Universidad José Simeón Cañas, 1985.

ELLACURÍA, Ignacio. *Filosofia de la realidade historica*. Madrid: UCA Editores, 1990.

ELLACURÍA, Ignacio. *El objeto de la filosofia: Para una Filosofia desde América Latina*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HEGUEL, Wilhelm Friedrich. *A Fenomenologia do Espírito*. Introdução (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1984.

ZUBIRI, Xavier. *Natureza, História, Deus*. Coleção Filosofia Atual. São Paulo: É Realizações Editora, 2010.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Historical Reality as an Object of Philosophy in the Perspective of Ignacio Ellacuría

Abstract: On the basis of the assumptions of the Philosopher and Theologian Ignacio Ellacuría (1930-1989), this paper aims at investigating historical reality as an object of Philosophy. The Spanish thinker supports the necessity of establishing a philosophical style – from Latin America reality – capable of promoting freedom for human being. According to Ellacuría, Philosophy is conceived of as human existential condition. This article describes, in a first moment, the main features concerning the liberating nature of Philosophy with focus on the historical reality of human being. Philosophy is related to a transcendental search, which in turn, is linked with human transcendental realities. According to Ellacuría, Philosophy provides theoretical referential capable of offering freedom to human being. In a second moment, this article describes the formal object of Philosophy (existing reality). Ellacuría focuses on structuring other object, a more specific one, from the object of Philosophy: historical reality.

Keywords: Philosophy – Freedom – Historical and Social Reality – Object of Philosophy